

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado

Class.: 203

Data: 05.01.86

Pg.: \_\_\_\_\_

# REPORTAGEM

190

## Índios, a perda de uma identidade

A comunidade indígena da reserva de Ibirama aos poucos vai perdendo sua identidade cultural e absorvendo os valores dos brancos. Mas nem sempre os melhores. O que aprenderam no convívio com os brancos foi o individualismo, o consumismo, a "malandragem", que faz com que um tente passar o outro para trás. Hoje, o resultado disto tudo é uma sociedade que reflete a dos seus tutores: cheias de desigualdades e injustiças.

O exemplo mais contundente desta situação é o fato de conviverem lado a lado na reserva índios que tem carro, casa com luz elétrica, TV, geladeira e eletrodomésticos com outros que não tem nada disso. Muito pelo contrário, passa dificuldades e tem que trabalhar duro para sobreviverem.

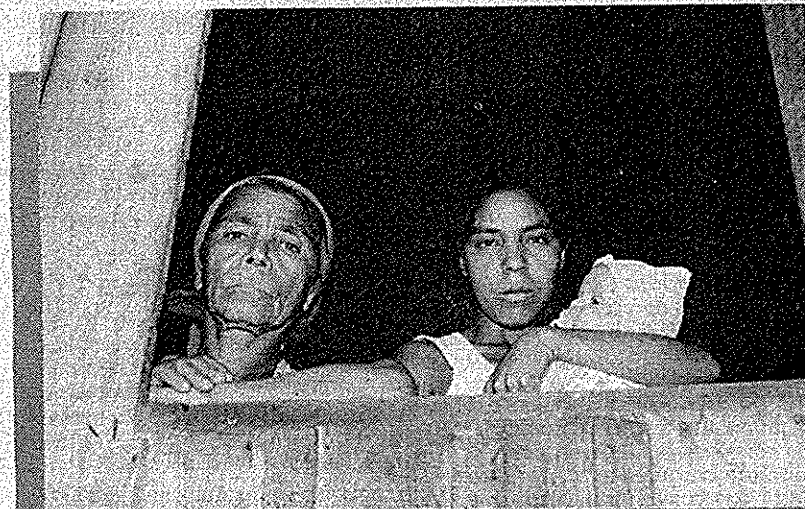
No primeiro caso se enquadra o cacique e outros poucos, e no segundo a família da mestiça Ramília, 65 anos. Ela sustenta com seu trabalho nas pequenas plantações em volta da casa. Além de si própria, seu irmão Vítor, de 110 anos, que devido a idade não pode mais sair da cama, sua irmã Maria, de idade indefinida, e um garotinho de dois anos, que ela pegou "por aí para criar".

Enquanto uma minoria assiste televisão ou passeia de carro, Ramília dá duro. Numa folga, parada na porta de sua casa sem pintura e cheia de frestas, ela se queixa. Diz que a Funai "não ajuda, não dá nada". E conta que tem que cuidar de suas pequenas plantações de milho, e mandioca, lavar roupa, cozinhar, buscar água longe de casa e ainda cuidar de seu irmão entretido, sua irmã e o garotinho. Seu rosto, apesar das tantas rugas quantos os anos e sofrimentos pelos quais já passou, não revela revolta nem indignação. "De que adiantaria?" indaga conformada.

Para o auxiliar administrativo da reserva, Pedro Hélio — um mestiço de Kaingang com Terena, vindo de São Paulo — a pobreza da maioria dos índios é culpa deles mesmos, que "não querem trabalhar". Esta idéia revela que Pedro Hélio apesar de ser índio, já não pensa como tal. Ele se esquece que índios e brancos tem culturas diferentes e por isso o trabalho tem significados diversos para uns e outros.

### MADEIRA

A principal atividade econômica da reserva Duque de Caxias é também o seu principal problema: a extração irregular de madeira. Segundo o supervisor regional do IBDF em Rio do Sul, Marconi Cruz, o problema é antigo,



Miscigenação e a aculturação estão descaracterizando os índios



A barragem do DNOS vai inundar grande parte da reserva indígena

mas tem se agravado de tal forma ultimamente que já é alarmante. Marconi prevê que se a extração continuar no mesmo ritmo, em dois anos acabará a madeira da reserva.

Para Marconi o problema vai além da extração em si. "O mais grave", alerta ele, "são as conseqüências que ela trará. Pessoas acostumadas a terem uma renda certa com a venda da madeira, como é o caso dos índios, não saberão o que fazer quando ela acabar. Isto fará com que partam para o roubo e assaltos a fim de sobreviverem, criando dificuldades para as co-

munidades vizinhas e um problema social muito grande".

O antropólogo e pró-reitor de ensino da UFSC, Sílvio Coelho dos Santos, concorda com Marconi quanto à gravidade da situação. "E está piorando dia a dia", diz ele. "A exploração irregular vem trazendo recursos financeiros para atender as necessidades imediatas dos índios, porém agravando uma situação que é complexa e que exige da Funai e de outros órgãos do governo medidas sérias".

Santos diz que é preciso "que fique entendido que uma população de duas



Com 110 anos, "entrevado pela doença", Vítor é cuidado pela irmã

mil pessoas precisa de medicamentos, escolas, roupas, etc. Se ela não tem renda proveniente de atividade agrícola ou outra qualquer, é evidente que tem que obter de alguma maneira. A exploração da madeira acontece neste contexto e é estimulada pelos madeireiros que necessitam de matéria-prima".

Este estímulo que recebem de fora e a possibilidade de ganhar dinheiro fácil são, sem dúvida, dois dos motivos pelos quais quase não se vê lavou- ras nos 14 mil hectares da reserva. Antes do início da construção da bar-

ragem os índios possuíam plantações na várzea. Agora morando a um ano e quatro meses na parte mais alta, eles têm plantado apenas para o seu sustento e na maioria das vezes apenas milho e mandioca.

De acordo com Santos a solução não está em colocar a Polícia Federal na reserva para prender os infratores. Ele acha "que é necessário fazer um planejamento. Porque no momento em que se investe milhões para construir uma barragem e não se cuida das plantas em sua volta, está agindo de maneira irracional. Tirar a cober-

tura vegetal ao redor da barragem vai comprometer sua função, que é controlar as cheias".

O antropólogo e pró-reitor da UFSC acredita que se possa tirar madeira racionalmente, desde que os índios a usassem para fazer artesanato ou outros projetos do gênero. "Eles necessitam de uma fonte de renda alternativa para não destruírem a floresta. Se não o que será daqui a 5 ou 10 anos quando acabar a madeira?" pergunta. Mas isto segundo Santos, depende de um trabalho educativo para mudar uma situação que perdura há 30 ou 40 anos. "Mas é mais fácil pegar uma moto-serra", lamenta.

### BARRAGEM

Falando sobre a barragem, que inundará 1 mil e 400 hectares, sendo 520 dentro da reserva, o engenheiro Carlos Bauer, responsável pelas obras da barragem do Vale do Itajaí, do DNOS, diz que ela não trouxe tantos problemas assim aos índios. "Pelo contrário, melhorou muito o seu nível de vida. Pagamos uma indenização à Funai de Cr\$ 838 milhões, que foi usada para construir cerca de 60 casas de bom padrão e instalada energia elétrica. Muitos índios puderam inclusive comprar carro". Ele reconhece, entretanto, que pelo menos um problema a construção da barragem trouxe. "Foi a troca de habitat, mas isto não é tão grave assim", opina.

### OBRAS

As obras iniciaram em março de 1976 e deveriam terminar em 1981. Mas com a enchente de 1980 o que já estava construído rompeu-se e foi preciso paralisar a construção entre fins de 80 e início de 83. Atualmente, conforme revelou Bauer, já estão concluídos 35 por cento da Barragem e a previsão é que o resto seja concluído em meados de 87, num custo total de Cr\$ 170 bilhões.

Esta Barragem de Ibirama que irá represar o rio Itajaí do Norte, principal afluente do Itajaí-Açu, faz parte do plano de contenção de cheias do DNOS. Neste plano já foram construídas mais duas: uma em Ituporanga, no rio Itajaí do Sul, e outra em Taio, no Itajaí do Oeste. Elas não se destinam a fins hidrelétricos, mas apenas para conter cheias. Por isto os seus lagos devem estar sempre o mais baixo possível para poderem conter toda a água que receberem.